



Encontros entre práticas solidárias e agroecológicas no Município de Maricá - RJ

Meetings between solidary and agroecological practices in the Municipality of Maricá - RJ

CAMPOS, Tamara Maria Caravana¹; BARBOSA Shirlene Consuelo Alves²; BENEVENUTO, Monica Aparecida Del Rio³

¹UFRRJ, tamaracaravana@gmail.com, ²IFMG-SJE, shirlene.barbosa@ifmg.edu.br; ³UFRRJ, monicadelrio@ufrr.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Resumo: Este artigo pretende compartilhar reflexões sobre experiências do eixo “Organização Social, Organização do Trabalho e Economia Solidária” integrante do Diagnóstico Socioambiental realizado pela Meta 1 do projeto “Inova Agroecologia Maricá”, que promoveu um estudo de viabilidades e potencialidades para a promoção da inovação em agroecologia no município de Maricá, uma parceria entre a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ e a Companhia de Desenvolvimento de Maricá S.A. – CODEMAR, no estado do Rio de Janeiro, Brasil, no período de 2021 a 2022. Este projeto tem a Agroecologia como linha mestra para uma proposta de desenvolvimento com sustentabilidade socioambiental no município, para a promoção do exercício da prática do bem viver pela população. Com o objetivo de conhecer a concepção de organização combinando produção agroecológica e ação coletiva, foi realizado um diagnóstico rural participativo – DRP com a participação de 50 participantes entre produtores rurais e coletivos informais, para uma reflexão crítica da realidade e de diferentes formas para melhorá-la. Aqui se encontram análises realizadas a partir do aprofundamento das questões trazidas, sendo resgatados saberes tradicionalmente utilizados na agricultura familiar, a predisposição para práticas de produção agroecológica e formas de organização de trabalho e mobilização coletiva, além de suas demandas e estratégias de enfrentamento das mesmas.

Palavras-Chave: cooperação; organização popular; sustentabilidade

Contexto

A Economia Solidária e Agroecologia se encontram por vários caminhos. Ao longo do tempo as manifestações de cultura solidária têm dado sinais entre os grupos organizados, sobretudo através da formação de associações e cooperativas. Na visão de Singer (2005) a construção dessa cultura deve ser pensada nos sentidos do trabalho, das relações interpessoais, da solidariedade e igualdade, que formarão o ideal conceitual de cultura solidária. A prática solidária se estabelece a partir da cooperação. Apreender os sentidos de cooperação e solidariedade tem sido uma alternativa viável para se encaminhar a organização de pequenos agricultores.



A Agroecologia, ao ser compreendida como um enfoque científico com a missão de apoiar a transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencionais para estilos de desenvolvimento rural e de agriculturas sustentáveis (CAPORAL E COSTABEBER, 2004), amplia o domínio dos enfoques tecnológicos ou agrônômicos da produção, para atingir dimensões amplas nos campos econômico, social e ambiental, e em seus desdobramentos culturais, políticos e éticos. Dessa forma, a transição para uma agricultura de base agroecológica não se trata somente de um processo produtivo, mas sobretudo de um processo social por requerer uma mudança nas atitudes e valores dos atores sociais em relação ao manejo e conservação dos recursos naturais. Neste sentido, se configura uma relação de interdependência entre o sistema social e o sistema ecológico. Ao se conceber estilos de agricultura de base ecológica há que se direcionar o olhar para os ideais de sustentabilidade e atentar para uma ética solidária entre as gerações atuais e destas para com as futuras gerações. Nesta linha, se reforça a natureza multidisciplinar da Agroecologia, em consonância com as múltiplas dimensões da Sustentabilidade, que de acordo com Caporal e Costabeber (2004) pelo menos seis dessas dimensões relacionadas entre si devem ser observadas: ecológica, social, econômica, política, cultural e ética.

A compreensão do diálogo entre Economia Solidária e Agroecologia se ancora na característica multidimensional das mesmas, sobretudo nas dimensões econômica, cultural, social, ecológica e política. Se ancora também na relação direta com o desenvolvimento sustentável e socialmente justo que, entre outros aspectos, parte do respeito à diversidade cultural e aos elementos naturais no movimento de construção de uma nova forma de interpretar e viver a realidade. Neste sentido, as iniciativas baseadas na Agroecologia e Economia Solidária se convergem na construção de modos de vida fundamentados na solidariedade e no respeito à natureza em uma sociedade intensamente colonizada pelas relações de mercado capitalistas (SCHMITT, 2013).

Buscando conhecer como as populações rurais deste município tem se organizado coletivamente e considerando seu potencial para construir meios de manutenção da qualidade de vida, através da produção agroecológica e de diversas formas de empreendimentos econômicos e sociais que se referenciam pela solidariedade, nos perguntamos: como os significados de coletivo, solidariedade e agroecologia são compreendidos, apropriados e compartilhados pelos coletivos? Com esta inquietação voltamos o olhar para coletivos que apresentavam algum grau de organização formal ou informal e para produtores que manifestavam o desejo de se constituírem como produtores agroecológicos.

Descrição da Experiência

A metodologia participativa empregada permitiu que os participantes se envolvessem, levando em conta suas tradições e saberes. Desta forma, se promoveu um contexto de trocas partindo do DRP que é um conjunto de técnicas e ferramentas que permite que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico, compartilhem experiências contribuindo na busca de oportunidades de solução e dos possíveis projetos para a melhoria de sua realidade. A definição da amostra se



deu de forma aleatória simples na qual cada pessoa ou coletivo têm a mesma possibilidade de serem incluídos no Diagnóstico. Os contatos se deram a partir da indicação de produtores/coletivos pelos próprios participantes e encontros no caminhar pelas comunidades. À medida que o “Projeto Inova da universidade Rural”, como passou a ser conhecido, foi ganhando visibilidade houve a manifestação voluntária da população para fazer parte do diagnóstico. A pretensão foi a de realizar contatos com produtores/coletivos localizados em pelo menos 30% dos bairros dos 4 distritos do município, alcançando 14 bairros visitados e 20 grupos representados, totalizando 50 participantes. Merece destaque a satisfação revelada pela iniciativa da promoção de um momento de ouvir e de se fazer ouvir, numa proposta dialógica e de respeito entre as partes. No campo, a técnica da observação participante também foi utilizada através da participação em feiras, eventos e reuniões, o que permitiu maior aproximação com produtores e coletivos.

Resultados

Analisando as ruralidades de Maricá, é possível afirmar que o tempo de moradia no município e o tipo de propriedade, são elementos que distinguem esses perfis. O tempo de moradia até 20 anos se destaca com a presença dos novos produtores na região. O tipo de propriedade também revela a presença de áreas menores, quintais e lotes, onde se verifica produção variada, em pequena escala. Dessa forma destacam-se os *produtores tradicionais*, aqueles que residem nas propriedades por gerações; os *novos produtores*, aqueles que fizeram o êxodo urbano, migrando para áreas rurais do município; e *produtores urbanos*, aqueles que praticam agricultura em espaços urbanos, seja em quintais ou em hortas comunitárias. Somam-se, ainda, os povos tradicionais das comunidades indígenas e de pescadores artesanais. Os perfis apresentam distintos níveis de compreensões sobre a organização coletiva e a prática agroecológica.

No que tange à Agroecologia, percebe-se sinais de práticas produtivas que não utilizam agrotóxicos ou fertilizantes químicos de síntese em seu manejo, o que podem levar em direção à aproximação com os princípios da Agroecologia, mas que não evidenciam a apropriação desse conhecimento, sobretudo pelos produtores tradicionais. Ao serem questionados sobre se sentem produtores agroecológicos, para os 21% que deram a resposta positiva, predominou a justificativa do não uso de “veneno” na produção, mas ficando evidente a falta de domínio de conhecimento da maioria sobre o manejo agroecológico, mas se destacando o interesse em desenvolver a prática agricultura de base agroecológica e orgânica. Esta justificativa também predominou entre os 79% das repostas negativas, onde o não uso de “veneno” não se mostrou suficiente para se sentirem produtores agroecológicos, apesar da participação em cursos sobre agroecologia promovidos no município, reconhecem que não há prática significativa do aprendizado em suas propriedades, e outros afirmarem aproximação com agroecologia pela experiência com agrofloresta.

As respostas sinalizam a necessidade da intensificação do conhecimento sobre o manejo agroecológico indo além do fato do não uso de veneno. Vale marcar que interesse pela prática da agricultura de base agroecológica, está mais presente



nos novos produtores, e se orienta pelo conhecimento adquirido em capacitações na área ou por experiências acumuladas em vivências anteriores à chegada no município. Em outras situações, se manifesta o desejo de aquisição desse conhecimento em formações promovidas por entidades de apoio e pelo poder público municipal, e em maior frequência, em trocas de saberes e experiências práticas na área que são viabilizadas pelas iniciativas de educação popular em sua proposta de troca e partilha de saberes de um território.

A pretensão de se resgatar práticas agrícolas tradicionais levou ao resgate de memórias do passado e suas possíveis contribuições para referenciar ações na atualidade. As lembranças revisitadas deram luz às práticas realizadas em coletivo que dos produtores, sobretudo dos mais antigos. Vale registrar o processo de saída de moradores pioneiros na formação desses espaços, bem como a chegada de novos moradores, num fluxo que onde o desconhecimento da história e da cultura local se manifesta. Nas memórias passadas o saudosismo trouxe situações em que a comunidade se reunia para promover ações colaborativas que fortaleciam os vínculos coletivos, prevalecendo a prática do mutirão em várias formas como: de trabalho, através da “troca do dia” que se dava para o vizinho/amigo que precisasse para o preparo da terra; mutirão para o plantio e colheita; para debulhar o guando e o milho. Também se reuniam em encontros que eram regados a quitutes, conversas e cantorias; em ladainhas nas casas e em festas de santos católicos nas capelas.

Sobre o resgate de alguma prática ou tradição do passado, no presente predominaram as festas comunitárias e religiosas, os diversos tipos de mutirões, a prática de plantar sem veneno e as vendas nas feiras da localidade. Na atualidade as ações coletivas têm sido motivadas pelas associações de bairro e coletivos. Ao revisar essas memórias, foi possível identificar marcos temporais, em que as manifestações coletivas das comunidades e da agricultura foram se perdendo e impactando paulatinamente os costumes, crenças e manifestações religiosas e culturais da localidade. Mas significa também que essas práticas têm saído do campo da lembrança para caminhar em conjunto com a produção de uma agricultura e de relações mais solidárias e sustentáveis na atualidade.

Entre os novos produtores percebe-se a manifestação de maior predisposição para a formação coletiva, onde 73% participam de algum tipo de organização. A troca e compartilhamento de insumos, saberes e práticas teve boa avaliação. Aqui chamamos atenção para as iniciativas populares na realização de encontros de trocas de saberes e fazeres, que vem se intensificando no município e que são os pontos-chave para pensar a transição para a agroecologia e organizações coletivas solidárias. A ênfase dada aos mutirões, à compra de material e insumos e à comercialização, dá sinais da viabilidade dessa transição. Dentre os grupos e coletivos de trabalho ou de outra natureza, os mais conhecidos estão as associações de moradores, Rede agroecológica de Maricá e coletivos formados por mulheres.

Entre os novos produtores, além da maior predisposição para a formação coletiva, a percepção mais apurada sobre os benefícios que a organização popular pode promover nos aspectos comunitários e sociais, na produção e na comercialização. Neste sentido, entendem que a formação de grupos organizados



são bases para “a formação de alianças”, “mais união e diálogo”, “organização e mobilização popular”.

A presença de cooperativas e de empreendimentos econômicos solidários – EES, é reduzida e também no que se refere às organizações formadas majoritariamente por produtores rurais. A Associação dos Produtores Rurais, Associação da Agricultura Familiar e Sindicato Rural encontram-se fragilizadas em relação ao número de membros, à participação ativa dos mesmos nas reuniões/assembleias, encontros e ações promovidas. A iniciativa da criação de uma associação de agricultores familiares agroecológicos e uma associação de feirantes composta por pequenos produtores encontra-se em fase de discussão e construção.

Uma forma para articular produtores e simpatizantes com a causa agroecológica e também solidária, foi a criação da Rede Agroecológica de Maricá, que se constitui como um movimento popular, a partir de um grupo de participantes de uma formação em agroecologia no município. Esta rede tem avançado em número de participantes, abrangendo outros coletivos, grupos informais e simpatizantes com a causa agroecológica, com a disseminação de experiências em agroecologia, trocas de saberes, em diversas ações onde a solidariedade é marcante.

Foi possível verificar, além da produção agrícola, a produção artesanal de alimentos em várias frentes com diferentes estágios de desenvolvimento do processo de produção e apresentação do produto. Dentre práticas/ produções do passado poderiam ser resgatadas no presente, as mais citadas figuram a casa de farinha, retomada de produção em grande escala para comercialização, ampliação das feiras, mutirões de plantio e colheita, e encontros de vizinhança.

As feiras fazem parte de circuito curto de comercialização sendo um canal que possibilita a geração de renda, a promoção da relação de grupos expositores, o incentivo à organização, governança, monitoramento de renda, formação, etc. Atualmente vêm sendo resgatadas e ressignificadas no município. Existe o entendimento de que o fortalecimento da comercialização passa pela organização coletiva, aliada ao apoio da Prefeitura com orientação técnica e espaços permanentes de venda e a presença do produtor nas feiras ampliando a oferta de produtos *in natura*. Chama atenção a estratégia de venda de produtos orgânicos em plataformas digitais, realizada pelo coletivo do grupo de consumo solidário.

Para finalizar, nesta experiência foi possível compreender a característica multidimensional da economia solidária e da agroecologia com abrangência nas dimensões econômica, cultural, social, ecológica e política. Neste sentido, as iniciativas baseadas na agroecologia e economia solidária se dialogam na busca de um desenvolvimento fundamentado na solidariedade e no respeito à natureza. Desse modo, é possível perceber a convergência entre a economia solidária e agroecologia na construção de modos de vida solidários e sustentáveis.

Essa convergência se refletiu nos dados do DRP. Foram observadas ações e vivências solidárias que partem do cotidiano coletivo e que caminham em direção aos princípios solidários, mesmo que de forma incipiente: troca de saberes e sementes pelos guardiões das sementes, repasse de experiência para o outro, resgate da prática de mutirão entre vizinhos sitiantes, organização de lista para



realização de compra coletiva, participação e mobilização popular, o que demonstra solidariedade e agroecologia *vividas* num processo que necessita ser alimentado e ampliado. Considerando que a transição rumo à agroecologia se dá a partir das interações estabelecidas entre processos sociais e ecológicos na coprodução do desenvolvimento rural que visam a conservação dos recursos naturais e o bem-estar da população, este é um processo desafiador e só será possível através da mobilização coletiva, na junção dos atores rurais, em parceria com atores urbanos e sobretudo, com o poder público compondo efetivamente essa cooperação.

Vale registrar várias iniciativas encontradas no município para a promoção e fortalecimento da Economia Solidária e Agroecologia, cujo apoio das diversas instâncias do poder público municipal, bem como de incentivos financeiros, é essencial para a transformação da realidade nos espaços rurais e urbanos do rumo à sustentabilidade agroecológica e solidária no município.

Essas observações revelam um longo caminho a ser percorrido na trilha solidária e agroecológica. Porém, entendemos que este caminhar vem se construindo, passo a passo, nas iniciativas de organização popular e no potencial para cadeias produtivas que estão se constituindo nos bairros visitados e se apresentam como elementos fundamentais para a conformação de um sistema agroalimentar, alternativo, baseado em modelos produtivos mais sustentáveis e em formas mais justas de consumo no município.

Referências bibliográficas

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, Jose Antônio. (2004) **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

SINGER, Paul. *A Economia Solidária como ato pedagógico*. In: Kruppa, S. M. Portella. **Economia solidária e educação de jovens e adultos** – Brasília: Inep. 2005